

**Entre fios de tucum e traçados de arumã:
Silêncio, memória, trabalho e cotidiano das mulheres Tikuna do Alto
Solimões.**



Benedito do Espírito Santo Pena Maciel¹

Resumo

Este artigo discute a problemática da ausência das mulheres indígenas nas fontes documentais e nos estudos etnológicos a partir do caso Tikuna do Alto Solimões, Amazonas. Tomamos como referência os viajantes, os naturalistas e os cientistas dos séculos XVIII e XIX, além dos principais estudos etnológicos sobre esse povo no século XX para mostrar porque as mulheres Tikuna foram quase silenciadas da história e da etnologia do seu povo. Com objetivo de apresentar um contraponto a essa ausência, mostramos a participação das mulheres na organização social e política dos Tikuna através de um pequeno ensaio etnográfico da vida e do trabalho de uma mulher fictícia que confecciona e vende seu artesanato na Área Indígena Santo Antônio, no município de Benjamin Constant. Através deste ensaio, apresentamos algumas características físicas, culturais e aspectos da memória da mulher Tikuna, cujo trabalho silencioso e contínuo contribui com as lutas políticas mais amplas do seu povo, como a garantia de suas terras, da educação e da saúde diferenciada enquanto direitos constitucionais já estabelecidos.

Palavras-chave: Etnologia Indígena; Trabalho; Mulheres Tikuna; Alto Solimões.

Abstract

This article discusses the problem of the absence of indigenous women in the documentary sources and ethnological studies from the Tikuna case in High Solimões region, Amazonas. We take as reference travelers, naturalists and scientists of the eighteenth and nineteenth centuries, as well as major ethnological studies on these people in the twentieth century to show why Tikuna women were almost silenced in history and ethnology of their people. Aiming to provide a counterpoint to this absence, we show the participation of women in social and political organization of Tikuna through a small ethnographic essay about the life and work of a fictional woman who prepares and sells her handicrafts in the Indigenous Area of San Antonio, Benjamin Constant city. Through this paper, we present some physical and cultural aspects of Tikuna women memory, whose quiet work and ongoing contribution to the broader political struggles of their people, as the guarantee of their land, education and health as differentiated constitutional rights established.

Keywords: Indigenous Ethnology; Labor, Tikuna Women; High Solimões region.

¹ Doutor em Sociedade e Cultura na Amazônia (UFAM); Professor de Etnologia Indígena do Instituto de Natureza e Cultura - INC, Universidade Federal do Amazonas, Campus de Benjamin Constant

Contornando o debate

Apesar da presença da mulher ocorrer entre os Tikuna¹ desde os tempos de seus heróis fundadores, representada por *Mapana*, a mulher de *Ngutapa*, conforme aparece em Oliveira Filho (1988, p. 90); mesmo que esteja estampada em máscaras e vestimentas de rituais, catalogadas e estudadas por Faulhaber (2003), e esteja presente na luta diária nas aldeias e no movimento indígena; ainda assim, é pouco expressiva na história e na etnologia desse povo. Desde os viajantes e cientistas dos séculos XVIII e XIX, passando por indigenistas e antropólogos no século XX, os registros sobre as mulheres Tikuna são escassos, não indo muito além de esporádicas menções textuais ou inevitáveis flagrantes fotográficos.

As razões desse silêncio ou dessa dívida etnológica com as mulheres Tikuna ainda não foram estudadas. Contudo, podemos mencionar pelos menos três aspectos presentes neste debate. Primeiro, é necessário reconhecer, como faz Michelle Perrot (2007), o domínio dos homens ao longo da história em campos estratégicos como o da economia, do militarismo, da religião e da ciência. Entre estes, destacamos aqui o campo da produção do saber, como de domínio dos homens e de símbolos masculinos ao longo de muitos séculos. Foram os homens que descreveram o “encontro etnográfico” com os povos ou sociedades do Novo Mundo, a partir, obviamente, dos princípios da sociedade patriarcal à qual pertenciam. Segundo, é necessário reconhecer também que do outro lado deste “encontro”, estavam sociedades também dominadas, pelo menos militar e politicamente, pelos homens. Eram eles que tinham a incumbência de receber em seus espaços, de conversar e de informar quem lá chegasse. Sendo assim, foram aos homens, que se dirigiram aos viajantes, cientistas e etnólogos e foram eles seus informantes privilegiados na produção dos primeiros relatórios, crônicas e etnografias sobre os Tikuna. Terceiro, é notório que somente muito recentemente a questão das mulheres passou a ser tratada como um problema acadêmico importante. Para uma “antropologia do contato”, dominante na



etnologia Tikuna da segunda metade do século XX, o foco eram as relações interétnicas e as reações indígenas ao contato através do Movimento Indígena e suas Organizações. Neste contexto, mais uma vez, pouco ou nenhum espaço sobrou para as mulheres, que permaneceram quase invisíveis.

Sobre o silêncio em torno das mulheres nas fontes históricas, a conhecida historiadora francesa Michelle Perrot (2007), destaca três aspectos: primeiro, o silêncio do relato, que se deu pelo fato das mulheres terem sido excluídas e invisibilizadas nos documentos, uma vez que não faziam parte do espaço público, da vida econômica e política da sociedade; segundo, o silêncio das fontes, que ocorreu porque as mulheres – excluídas destas atividades, assim como daquelas relacionadas com as letras e as ciências - deixaram pouquíssimos relatos escritos sobre sua forma de ver o mundo e; terceiro, a dissimetria sexual das fontes, ocasionada pelo domínio masculino na produção documental e científica. Isto se deu principalmente porque as mulheres não somente estavam excluídas das atividades consideradas vitais para a sociedade (economia, política, guerra, religião), mas também porque não faziam parte da sociedade letrada.

Ainda de acordo com Perrot (2007), essa realidade só começará a mudar gradativamente, a partir do século XVIII, quando a História torna-se mais científica e profissional e começa a haver um maior interesse pelas mulheres. Porém, isso tudo ocorreu na Europa, num mundo muito distante daquele vivido pelas mulheres Tikuna. No século XIX, cresce o interesse pelas mulheres na história ocidental e ganham relevo as biografias de rainhas, de santas, e cortesãs, ou seja, é um interesse por “mulheres excepcionais”, jamais por mulheres comuns, muito menos ainda por mulheres indígenas.

Para essa autora, mesmo com a chamada “revolução historiográfica francesa”, proporcionada pela escola dos *Annales* no final dos anos de 1920, que rompeu com o exclusivismo político dos temas históricos, a história das mulheres não encontrou sua nascente. Ainda nesse período, para os historiadores, a diferença entre os sexos não constituía “uma categoria de análise” para a



história. Desta forma, o nascimento da história das mulheres teve que esperar mesmo os anos de 1960, especialmente na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos para dar seus primeiros passos.

As Mulheres Tikuna nos labirintos das fontes

Mesmo sendo dados escassos e tomados a partir dos referenciais, por assim dizer, masculinos, é importante considerar como as mulheres Tikuna são apresentadas pelos diferentes autores entre os séculos XVIII e XX. Começamos com o ouvidor Francisco Xavier de Sampaio, cuja viagem pelo interior da Amazônia ocorreu entre 1774 e 1775. Segundo ele, as mulheres Tikuna viviam nuas, diferentes dos homens que se cobriam pela cintura com uma canga (Sampaio, 1825, p. 68). Não consta que ele teve algum contato direto com elas, no entanto, aquele costume bárbaro de não cobrir as genitálias era demasiado exótico e até agressivo para que um administrador colonial setecentista não o percebesse.

No século XIX, principalmente na sua primeira parte, o silêncio sobre as mulheres Tikuna nas fontes é quase total. Os cientistas, Spix e Martius que estiveram na região nos anos de 1819 e 1820, tão somente retomam em uma nota as mesmas informações de Sampaio. Henrique Lister Maw, oficial da marinha britânica, que passou pelo território dos Tikuna em 1828, somente se refere a elas nas bebedeiras junto aos homens e acompanhando a Dança dos Mascarados. Ele descreve esta dança como sendo apresentada apenas pelos homens, sem perceber que entre eles poderia haver mulheres, uma vez que elas também usavam as máscaras rituais.

Em 1847, o naturalista italiano Gaetano Osculate, de passagem pelo Solimões, não menciona as mulheres Tikuna em nenhuma parte de seu relato de viagem. Nesse mesmo ano, porém, elas apareceriam ainda que discretamente na obra do cientista Paul Marcoy, que, aliás, foi quem mais descreveu os Tukuna no



século XIX, relatando, inclusive, os rituais da Moça Nova e da circuncisão dos meninos. Ele flagra as mulheres em algumas ocasiões. Numa passagem fala de uma mulher que guiava a canoa para seu marido. Descreve seus adereços corporais dizendo que ela portava um colar de contas vermelhas de vidro, que ele atribui ter sido adquirido por seu marido em transações comerciais com os brasileiros, e uma faixa de algodão nos tornozelos e outra na cintura. Ao despedir-se daquele casal presenteou o homem com uns anzóis e a mulher com uma tesoura usada, pelo que, segundo ele, os índios ficaram muito agradecidos (MARCOY, 2001, p. 28).

O autor narra, com admiração, um caso ocorrido horas antes de sua chegada, em que uma mulher teria matado com uma lança uma onça que atacou seu marido. Após o feito, a mulher ainda remou sua canoa para a aldeia, carregou o marido para casa e o colocou em sua rede e “mesmo ocupada em [...] preparar bananas e outros alimentos, descreveu o episódio [...], sem gesticular ou emocionar-se, como se tivesse sido um simples caso de rotina” (MARCOY, 2001, p 37).

Não fosse os qualitativos negativos aplicados a uma mulher idosa com quem fez trocas comerciais, Marcoy poderia ser até uma exceção positiva entre os viajantes do XIX, pois teve contato direto com as mulheres. Ele fala que comprou “de uma velha e horrível mulher Tikuna enrugada, arqueada, escura e ressequida e que estava quase nua, um filhote de anta que ela havia criado”. Pagou aquela mulher com “um colar de contas de vidro amarelas que a velha pôs ao pescoço com caretas de repugnante coquetice” (MARCOY, 2001, p. 40). Em outra passagem registra ainda que as mulheres Tikuna eram o “objeto de paixão” dos soldados do Forte de Tabatinga e que um grupo dessas “mulheres dos soldados” vivia em um povoado perto do Forte (*Idem*, p. 48).

O grande cientista Henry Walter Bates, que residiu na Amazônia entre 1850 e 1859, fez também uma importante descrição dos Tikuna, mas pouco menciona as mulheres. Relata apenas suas “tatuagens”, o casamento e, em rápida



passagem, a festa da Moça Nova e o rito da puberdade. Já o médico alemão, Robert Avé-Lallemant, que passou pela região em 1859, impressionou-se com a agilidade de uma “rapariga” Tikuna para descer de uma árvore quando foi por ele avistada. Disse o médico que ao descer da árvore, ela rapidamente juntou-se às outras mulheres que estavam à beira do barranco e, num gesto rápido, colocaram as saias entre as pernas pressionando-as com as mãos, acocaram-se e riram do ocorrido.

Contudo, os registros mais consistentes sobre os Tikuna foram feitos já no século XX, sendo os primeiros realizados por Curt Nimuendaju que esteve três vezes com esses índios em 1929, 1942 e 1945, quando, inclusive, morreu entre eles. Um relato de sua primeira viagem foi publicado na Alemanha em 1930, sob o título *Besuch bei den Tukuna-Indianern*. Depois ele se dedicou à monografia intitulada *The Tukuna*, até hoje um dos trabalhos mais completos sobre esses índios, publicado em 1952 pela Universidade da Califórnia. Nele, Nimuendaju fala da história, da subsistência, da arte, da organização social e da religião Tikuna, mas inclui as mulheres em rápidas passagens quando fala dos rituais da puberdade e do casamento das meninas.

Inaugurando uma outra fase da etnologia Tikuna, menos preocupada com os problemas de conteúdo cultural e mais voltada aos efeitos do contato do índio com a sociedade nacional, em 1959, o então jovem antropólogo, Roberto Cardoso de Oliveira, fez sua primeira viagem aos Tikuna, descrita em *Os Diários e suas Margens* (2002, pp. 265-338), que foi seguida por outras, tendo como resultado uma série de publicações, entre as quais destacamos *Os Índios e o Mundo dos Brancos* de 1996. A partir de 1974 e, principalmente, durante a década de 1980, João Pacheco de Oliveira Filho fez vários trabalhos de campo com os Tikuna e escreveu uma importante obra, na qual se destaca o livro ‘O Nosso Governo’: *os Tikuna e o regime tutelar* (1988). Seguindo a mesma tradição do estudo do *contato interétnico*, porém, a partir da ideia de *situação histórica* e não de *fricção interétnica*, elaborada por seu antecessor, ele recoloca os Tikuna no cenário etnológico brasileiro. Ambos deram uma enorme contribuição à compreensão dos



problemas vividos pelos Tikuna advindos do contato com os brancos, porém, também neste contexto etnológico, pouca ou nenhuma atenção foi dada às mulheres.

Mesmo a recente coletânea “*Os Ticunas Hoje*”, publicada pelo Museu Amazônico em 2000, que reúne trabalhos dos principais estudiosos dos Tikuna, e que é parte do resultado do projeto “O Universo Tikuna: território, saúde e meio ambiente” e do Seminário “Os Ticunas Hoje”, coordenados por João Pacheco de Oliveira Filho, não traz nenhum trabalho sobre as mulheres, o que nos permite inferir que o problema da escassez da presença das mulheres na etnologia Tikuna recobre também todo o século XX.

Deste modo, o presente trabalho aponta no sentido da necessidade de se quebrar este silêncio, propondo inserir a mulher no cenário etnológico dos Tikuna, tomando-a, porém, não de forma isolada simplesmente como mulher, mas como sujeito social que pensa e age a partir do seu mundo, mediada pelas relações sociais estabelecidas com os homens, com sua comunidade e com a sociedade que a cerca.

A problemática da mulher Tikuna aqui esboçada é indispensável para se compreender a situação indígena na Amazônia, particularmente, na fronteira do Alto Solimões onde ficam a cidade de Benjamin Constant e as aldeias Filadélfia, Porto Cordeirinho e Bom Caminho, pertencentes à Área Indígena Santo Antonio, local onde reside nossa personagem anônima e cenário do ensaio etnográfico que apresentamos a seguir.

Nesse cenário, cidade e aldeia se diferenciam e se completam mutuamente. Na cidade, os Tikuna mantêm um museu (Museu Magüta), algumas moradias, postos de trabalho, locais de estudos (escolas e universidade) entre outros pontos estratégicos de contato com o mundo dos brancos. Na aldeia, a população da cidade tem parentes próximos e distantes, realiza atividades de subsistência como roça, pesca e caça e, a tem como um lugar de referência cultural que serve como representação identitária para atividades ligadas ao



turismo, ao folclore e às pesquisas acadêmicas e científicas. Atravessando com rara sutileza esses dois mundos, está a mulher Tikuna, artesã, esposa, mãe e líder comunitária. É dela que vamos falar em seguida.

A mulher Tikuna artesã: corpo, trabalho, memória e cotidiano

Seus dedos pequenos e já enrugados pelo tempo, com unhas grossas e corroídas pela fricção com as talas, cipós, fibras e palhas tecem habilmente um delicado cesto de tucum. Seu corpo está sentado elegantemente no assoalho de madeira grossa, cujas brechas entre as tábuas faz entrar o vento refrescante e evita acumular sujeiras entre as tábuas. Sua aparência tranquila esconde o inevitável desassossego com os carapanãs e com as abomináveis mutucas pretas que lhe picam o corpo. Para combater essas pragas, ela bate seu corpo constantemente com um pedaço de pano. Suas pernas curtas e parcialmente cobertas por uma saia de tecido azulado estão admiravelmente retas no chão, enquanto sua coluna, meio curvada, dá a seus braços flexibilidade e movimento. Seus pés pequenos de pele rugosa, queimada pelo sol e meio esbranquiçada pelos efeitos das águas barrentas do Solimões, de plantas amareladas e de dedos miúdos e ligeiramente abertos indicam, por um lado, uma infância descalça e de trabalho pesado, mas, por outro lado, demonstram também uma infância livre para as brincadeiras no terreiro, nas praias, nas canoas, nos rios... Uma liberdade que agora seus filhos quase não podem mais ter, pois, os perigos da cidade estão cada vez mais perto. Notícias de usos indiscriminados de drogas, estupros, roubo e tráfico de crianças não deixam que ela tire os olhos do terreiro onde brincam os *curumins*, tirando-lhe aquela nostálgica tranquilidade que seus antepassados desfrutaram.

Uma camiseta branca já bastante usada lhe cobre o resto do corpo magro, mas firme. Seus cabelos longos de um lado da cabeça estão presos por um pequeno grampo com enfeites coloridos, deixando à mostra somente um dos lados de seu rosto moreno, ainda jovem, mas já bem marcado pelo tempo; o restante lhe cai sobre outro lado do rosto e dos ombros constituindo-se quase



num segundo vestuário. Sua roupa, aliás, exprime bem a rígida influência religiosa cristã de padrões estéticos pacatos, distante da influência da moda feminina contemporânea dos grandes centros urbanos. Seu rosto moreno não contém nenhum sinal de maquiagem com produtos dos brancos e nem mesmo dos índios. Somente quando ela vai a algum evento público para representar seu povo diante dos brancos em certas ocasiões é que pinta seu rosto com traços geométricos de tinta de jenipapo e urucum.

Seus olhos negros, refletindo serenidade e firmeza, estão posicionados entre suas raras, finas e naturais sobranceiras e entre suas olheiras meio fundas e de cor escura, não se distraem um só instante de seu afazer. Talvez querendo nos dizer que no trabalho de artesã, a mente, o corpo e o objeto tornam-se um só ser que se cria a cada instante e se transforma em arte.

Concentrada e silenciosa, mas nunca sozinha está ela em sua casa, que embora não tão visivelmente dividida em cômodos separados, contém muitos espaços específicos, cada um repleto de objetos que lhe remetem ao seu universo cultural e ao seu cotidiano. Num canto da sala há uma maqueira de fibra de tucum e uma malhadeira, ou caçoeira; noutra canto, há um carote de gasolina, um remo e um motor rabeta, objetos de uso masculino e indícios que seu marido e seus filhos estão para roça e não para o rio. É de lá que ela espera macaxeira, farinha ou, quem sabe, uma caça para o jantar. Nas poucas paredes da casa ela expõe retratos de santos e de políticos, pregados cuidadosamente, sinais de sua religiosidade e de suas relações sociais e políticas para além de sua aldeia. Há também sobre uma mesa um televisor coberto com um pano e um aparelho de som já meio gasto. No quarto, separado da sala apenas por uma meia parede de paxiúba batida, uma rede de dormir envolvida por um grande mosquiteiro que lhe protege dos carapanãs e lhe dá um pouco de privacidade à noite. É no espaço do mosquiteiro de casal que ela tem suas intimidades com seu companheiro, fora dele, não se observa aproximações físicas entre o casal, pelo contrário, há até mesmo um certo distanciamento especialmente durante o dia, ou pelo menos, na presença de estranhos. Na cozinha existe um fogão à lenha, um jirau onde se



prepara a comida e se tratam os peixes e um impressionante “painel de painelas” e outras louças de alumínio penduradas numa parede de tábuas disformes, tão bem areadas, que chegam a espelhar o ambiente.

O zelo com os objetos da casa é sinal da dedicação da mulher ao seu marido e à sua família. A aquisição de certos objetos dos brancos como as painelas, por exemplo, é um indicativo de prosperidade da família e são cobiçados pelas mulheres Tikuna, embora sejam adquiridos a preços aviltantes e geralmente a crédito (ou fiado, como se diz na região) no comércio local.

Enfiados entre as palhas da cobertura da casa vê-se caniços, arpões, flechas, zarabatanas, mas também facões e espingardas, instrumentos de caça e pesca de domínio masculino. Aqui e ali, é possível ver pequenas esculturas de madeira, colares, pulseiras, anéis, cestos e uns panos pintados feitos de casca de árvores (tururis), representações mitológicas da Onça, do Avaí, da Saúva, do Jenipapo, do Buriti, do Mutum, do Japó, da Arara, ou seja, de oito dos cerca de vinte clãs ou nações² em que se subdivide o mundo Tikuna.

Ao percorrer a casa com os olhos, diante desses objetos ela mantém viva a lembrança da cultura de seu povo. Embora o contato com os brancos já tenha questionado certos aspectos da tradição – principalmente entre os mais jovens – no que se refere à religião, ao parentesco, ao casamento e à escolha dos nomes para as crianças, ela sabe que seus filhos herdaram a descendência clânica do pai, que os meninos e meninas devem se casar com gente da mesma nação, que eles têm em seus nomes nativos o sufixo *cii* e elas o sufixo *na* e, que isso é uma referência aos clãs a que cada um pertence. Por isso, vê com preocupação a liberdade de escolha conjugal reivindicada por sua única filha. Se ela preferir um Tikuna terá que procurar um bom rapaz do mesmo clã na sua aldeia ou em outra, mas se preferir um branco seus netos não serão considerados Tikuna e, portanto, terão muita dificuldade em encontrar um lugar no meio de seus parentes.

Mesmo professando fé cristã ela sabe e ensinou à sua filha que o incesto clânico, ou de metade, está entre os três crimes que envergonham os Tikuna e são



passíveis de punição sobrenatural. Os outros dois são: o infanticídio e a morte por feitiçaria. Pela tradição, quando uma criança é gerada de uma relação incestuosa, a mãe pode matá-la e enterrá-la viva, mas esse ato será punido por *Taé*³ e condenará uma parte da alma da mãe, que após a morte subirá ao mundo superior com o cadáver da criança atravessado em sua boca, como uma condenada, de fato. Por isso, ela jamais quer que isso ocorra com sua filha e sua família.

Dentro dessa tradição ela lembra de que mesmo antes dos Tikuna terem sido pescados por *Yoi* (o herói que pescou os Tikuna) e virado gente, terem sido organizados em nações com regras e costumes próprios, no tempo dos heróis imortais, as relações entre homens e mulheres eram tensas. A mulher heroína *Mapana* foi criada juntamente com o marido *Ngutapa*, ambos viviam num lugar sagrado aonde é hoje o Igarapé São Jerônimo.⁴ Certo dia quando foram caçar, discutiram e brigaram. *Ngutapa* deu uma surra na mulher e a amarrou em um pau com braços e pernas abertas. Lá, ela teve as genitálias picadas por cabas e formigas. Sentindo muita dor, foi socorrida por um pássaro chamado cançã que a estimulou a vingar-se de seu marido. Deu-lhe uma casa de cabas e disse para ela aguardar o marido escondida. Quando *Ngutapa* chegou, *Mapana* jogou a casa de cabas nele, acertando-lhes os dois joelhos. Ele caiu e não conseguiu mais se levantar, teve que ir se arrastando para casa. *Ngutapa* sofreu muita dor e chorou por vários dias. Seus joelhos incharam e desse inchaço originou a gestação de dois casais de filhos: do joelho direito saíram *Yoi* e sua irmã *Mowatcha*; do joelho esquerdo nasceram *Ipi* (o herói que pescou os não Tikuna) e sua irmã *Aicüna*. Os dois homens já nasceram de posse de suas zarabatanas e as mulheres de seus cestos, objetos, respectivamente, masculinos e femininos.

Essa e outras histórias que ouviu quando era criança, colocam para ela uma série de questões sobre seu passado, sobre sua tradição e sobre sua própria identidade e condição de mulher Tikuna. Ela sabe que tem objetos que são próprios dos homens e outros que são próprios das mulheres. Sabe que nunca poderá ver a flauta sagrada tocada pelos homens e que muitos deles, no passado,

como foi o caso de Domingos Tshunecü, da nação arara-azul, casou-se com mais de uma mulher. Mas sabe, também, que em muitos casos, vários elementos dessa tradição têm que ser tratados com habilidade diante dos brancos, pois, eles são muito diversos culturalmente e pensam de diferentes maneiras. Por exemplo, certas entidades nacionais e internacionais que apoiam suas reivindicações sociais e até financiam parte da produção artesanal Tikuna têm uma tendência preservacionista das tradições indígenas, porém o mesmo não ocorre com outros setores, como o Movimento de Mulheres, cujas orientações feministas questionam os fundamentos históricos, mitológicos e simbólicos do patriarcado e do machismo, ou seja, de uma suposta “dominação masculina” ao longo da história da humanidade. Ela sabe que de uma forma ou de outra, essas contradições já estão presentes no seu dia-a-dia e que influenciarão mais ainda as novas gerações de seu povo, mas continua tecendo seu cesto e acreditando que tudo se resolverá da melhor maneira no futuro.

Mesmo tendo em sua casa uma mesa e algumas cadeiras ao modo dos brancos, certos aspectos de sua cultura não mudaram: as visitas sentam-se no chão, em pequenos banquinhos de madeira ou ficam de cócoras; a mesa das refeições é servida no chão da cozinha para os “de casa” e na sala para os “de fora”. Os visitantes quando vão fazer alguma atividade na aldeia geralmente são pintados com tinta de jenipapo simbolizando bom acolhimento, amizade, mas também é uma maneira de divulgar para fora da aldeia a presença dos Tikuna na região. Além dos artesanatos, esta também é uma forma de manifestar sua identidade para os não Tikuna.

De qualquer ponto da casa, avista-se o terreiro da aldeia com suas árvores frutíferas, galinhas, patos e outros animais de criação ou de estimação. Veem-se também muitos *curumins* correndo, brincando e falando alegremente sua língua materna. Ali, em sua casa, ela está diante de seu clã, de sua família, de sua prole, de seus xerimbabos e de seus trecos; de sua cultura, de suas lembranças e de sua memória que inspiram sua criatividade.



Em seu lugar sagrado, a mulher Tikuna trança, estica, puxa e tece rápido e plasticamente a vida e seu viver. Contudo, antes de ser artesã ela é também uma hábil coletora de cipós, palhas, sementes e fibras da floresta. Do tucum arrancado, batido, secado ao sol e desmanchado em delicados fios ela tece engenhosos nós e tranças em formas de pequenos cestos, abanos, bolsas, chapéus, colares, pulseiras e redes, cujas técnicas vêm desde seus ancestrais, repassadas de mães para filhas e para netas, pelo lento e quase infalível método de observar, fazer e refazer. Do arumã extraído da várzea e desfiado em finas talas, ela faz abajus, bandejas, baús, bolsas, pacarás simples e barrigudos, peneiras, pau-de-chuva para uso próprio e para atender aos interesses dos brancos. Da palha do tucumã, extraída e seca ao sol, ela tece pequenas esteiras coloridas e chapéus de diferentes formatos e tamanhos. Dos cipós ambé e titica, ela confecciona paneiros, aturás e outras variedades de cestos que serve para diferentes finalidades.

Com as tintas e corantes extraídos do urucum, do jenipapo e do crajiru ela colore suas peças artesanais, embelezando sua arte e alegrando sua alma, distinguindo sua obra dos demais artistas locais. E assim, com agilidade e paciência compõe com formas, cores e imagens uma arte que, de um lado, retrata a memória e a história de seu povo, e, de outro, estabelece e demarca a presença de sua gente no meio da sociedade dos não Tikuna.

Uma vez pronta certa quantidade de peças, ela levanta bem cedo, toma um café, come uns pés-de-moleque e banana cozida e vai à cidade oferecer e vender sua arte. Dos caminhos da aldeia de Porto Cordeirinho passa pelas esburacadas ruas de Filadélfia até a ponte que liga a “terra dos índios” à cidade de Benjamin Constant. Depois da ponte, já na cidade, passa pelo bairro de Bom Jardim, onde ainda pode ver muitos de seus parentes de povo e de clã. Ela os cumprimenta da rua, eles lhe respondem da soleira de suas janelas, às vezes na língua Tikuna, outras vezes, em português. Muitos não mais se identificam como indígenas, mas ela os conhece e, para ela, eles se reconhecem como Tikuna. Para



os brancos não mais, porque sofreram toda sorte de preconceitos que os fazem silenciar sobre sua condição étnica.

Ela vê isto com certa tristeza, mas continua sua caminhada. Ainda é cedo da manhã quando, a caminho do centro da cidade, por uma longa rua cheia de ladeiras, ela passa por duas madeiras que a lembram dos “tempos dos patrões da madeira”, tempos de fartura e de fortuna para uns, e de exploração econômica e opressão para outros, especialmente, para os Tikuna; tempos de medo, de conflito e das mortes ocorridas no Igarapé do Capacete; mas também tempos de alianças com outros brancos e de luta e esperança que nunca têm fim. Já se passaram mais de duas décadas daquele triste acontecimento, mas para ela é difícil esquecer aquele, 28 de março de 1988, quando a mando de um madeireiro, 14 Tikuna foram covardemente assassinados e outros 22 ficaram feridos. Entre os feridos, inclusive, estavam quatro mulheres.⁵ Ela se recorda das viúvas, mulheres como ela, que tiveram de se desdobrar no trabalho para criar seus filhos órfãos de pai. Mais de 20 anos depois, apesar da repercussão internacional que teve o caso, a impunidade com que foi tratado, ainda ameaça as relações pacíficas que os Tikuna sempre buscaram estabelecer com os brancos. Sobre o Massacre do Capacete, como ficou conhecido o episódio, ainda se escuta rumores pelas esquinas: ainda é uma memória perigosa da qual não se pode falar muito.

O sol começa a esquentar e é preciso andar rápido para vencer a última ladeira e entrar na parte alta do bairro de Coimbra e de lá descer para o Centro e para a Feira da cidade. Ao iniciar a descida, passa por mais uma madeira, a dos Magalhães. Os tempos, de fato, agora são outros, quase não há mais trabalhadores lá, os prédios estão se desmoronando corroídos pelos cupins e tombando para a beira do rio Javari, puxados pela pressão das águas e pelo movimento dos barrancos, que nesta região é um fenômeno constante. As atividades madeiras não gozam mais do mesmo prestígio e não ostentam mais tanto lucro e poder, poucos continuam se arriscando nessa vida, hoje, mais vigiada e controlada pelo estado. As terras dos Tikuna já foram demarcadas, porém, paradoxalmente as condições de vida parecem não ter melhorado para



quase ninguém. Na cidade só há lembranças do *fausto* da madeira quando milhares de toras, pranchas e tábuas embarcavam para o exterior e malas de dólares subiam ao porto de Benjamin. Não se sabe bem para onde foram os dólares da madeira, pois, na cidade quase nada ficou. Enfim, a insensatez do capital deixou tanto os índios como os brancos sem uma das principais fontes de riqueza da região.

Lá pelas oito horas a mulher com seus cestos, balaios, cordões e pulseiras chega à movimentada Feira do Produtor de Benjamin Constant, e mistura-se com outros tantos vendedores ambulantes e feirantes, brasileiros e estrangeiros. Aliás, não tão estrangeiros assim. São, na verdade, peruanos, a maioria índios e índias que com suas barbas longas e véus na cabeça,⁶ teimosamente transitam sem fronteira nas fronteiras que os brancos criaram. Entre eles, lá vai a mulher Tikuna com seus lindos cestos coloridos que chamam a atenção de todos, porém, cujos preços em geral são altos para a população local. São principalmente os turistas ou os “de fora” que moram e/ou trabalham na cidade quem mais compram “o artesanato dos cabocos”, como se refere a população da cidade à arte dos índios.

Após expirar o horário de venda na feira e no Centro, a mulher volta para a sua aldeia, mas, antes, ainda vai às casas de alguns moradores de fora da cidade para oferecer seu artesanato. Para e bate de casa em casa de potenciais compradores. Sua presença nas ruas e nas casas é, às vezes, incômoda para muitas pessoas que a olham com desconfiança, desdém ou piedade, preconceitos que a sociedade não consegue vencer. Mas, quando é maltratada ou mesmo quando não consegue vender seus pertences como pretendia, pode resmungar em sua língua em protesto sem ser entendida, como fazem certos brancos quando usam palavras difíceis diante dos índios; pode também dar um leve sorriso puxando um dos cantos da boca para extravasar aquele momento ruim, sem perder o humor.

E assim, sob o sol do meio dia, lá vai ela com seus artesanatos. Ao seu redor, leva seus filhos puxando pelas mãos ou lhes amamentando pendurados nos seus braços ou nas tipoias que lhes cruzam o corpo das costas ao peito. De



tempo em tempo, quando as pernas e os braços estão muito cansados ou quando as crianças reclamam de muito do calor, ela para nas calçadas ou nas sombras das árvores para descansar um pouco. Pede água aqui e ali. Vende um objeto cá, outro lá. Algumas vezes não recebe todo o dinheiro e marca outro dia para ir buscar o restante. Outras vezes aceita como pagamento roupas usadas e outras coisas dos brancos. A troca é mesmo algo inevitável no comércio local. Por vezes, ela é acompanhada de outras mulheres Tikuna ou Kokama que com suas bacias de alumínio na cabeça foram vender suas frutas: mapati, banana, abiu, pupunha, cupuaçu e também farinha de mandioca, pimenta e tucupi. Quem a olha de longe pode confundir com a maioria das mulheres locais, mas quem a vê conversando logo a reconhece pela fala da língua Tikuna ou pelo sotaque do português meio cantado, sem o artigo feminino “a”, sem os “erres” finais, entre outras diferenças existentes na pronúncia do “português dos caboclos”.

Pelas duas da tarde vai chegando à sua aldeia. Ainda vai cuidar da casa e fazer o almoço para o marido e filhos que vêm da roça. Serviço pesado que dobra sua jornada de trabalho diário. Ela já viu nas casas de alguns brancos e pela televisão esses serviços sendo feitos por empregadas ou empregados domésticos ou mesmo pelos maridos de esposas que trabalham fora, mas, no seu mundo, ela sabe que isso é função da mulher e tem importância fundamental para manter a coesão familiar. Por isso, ela sempre quis ter muitas filhas mulheres, mas mesmo sem usar nenhum contraceptivo ou preservativo ela acabou tendo apenas uma e três homens. Nisto seu marido levou vantagem. Mas é só por pouco tempo: um já serve ao Exército do Batalhão de Fronteiras de Tabatinga, outros dois lhe auxiliam nas atividades diárias, entretanto, logo todos tomarão seu próprio caminho casando-se, quiçá, com uma moça Tikuna.

Logo depois do almoço, ela e sua filha descem as ribanceiras com as bacias de louças na cabeça para lavar no igarapé. É importante fazer isso antes da hora do banho e dos carapanãs transmissores da malária. Com as louças lavadas elas sobem levando duas vasilhas com água para fazer o jantar e outros serviços durante a noite. Mesmo próximo da cidade a aldeia recebe apenas poucos fios de



luz, mas não água encanada. É assim como tantos outros bens do mundo moderno.

Mais tarde ela e a filha acompanham outras mulheres e descem para se banharem, antes dos homens. Nessa oportunidade ela pode conversar: falar das dificuldades e dos sonhos da vida, contar como foram sua ida à cidade e suas vendas, comentar um pouco sobre sua situação em casa com o marido e até mesmo rir um pouco com outras mulheres. Fica sabendo também como está a vida na aldeia e a situação dos parentes. Pode dar e receber sugestões para resolver problemas comunitários e particulares. O banho não é apenas um rito de higiene pessoal, mas acaba funcionando também como uma espécie de reunião informal tanto para os homens quanto para as mulheres.

Assim, vai passando mais um dia de trabalho de uma artesã Tikuna. No cair da tarde, na despedida das mutucas e antes da chegada dos carapanãs, ela contempla silenciosamente o horizonte na beira do barranco sentada em baixo de uma árvore, num banco de madeira. À noite, após o jantar e a novela ela se recolherá ao seu mosquiteiro junto do marido. No dia seguinte, começará tudo de novo.

Considerações finais

Do exposto, consideramos que mesmo escassos, os registros sobre as mulheres Tikuna, tanto no século dezenove como no século vinte, são relevantes do ponto de vista social, histórico e etnológico e podem servir de objeto de estudos específicos no futuro. Fica evidente que tais registros são muito pouco se comparados os relatos sobre os homens ou sobre o masculino, em que o artigo masculino “o”, tanto no singular como no plural, é usado para descrever de forma genérica tanto os homens como as mulheres, como por exemplo, nas formulações: “o povo” ou “os Tikuna”. Vemos, por outro lado, que as mulheres Tikuna foram silenciadas nas fontes não apenas porque ficaram escondidas na

generalidade do masculino como um dado universal, ou porque ficaram ausentes das preocupações abrangentes de uma “antropologia do contato”, ou ainda, porque foram preteridas e até desautorizadas como “informantes etnológicos” legítimos e confiáveis, mas, também porque elas ocupavam espaços sociais no mundo Tikuna quase impenetráveis por “gente de fora”: viajantes, cientistas, missionários, antropólogos.

Nesses espaços, de certa maneira, elas estiveram livres da “inquisição” dos cientistas, contudo, ficaram à margem dos registros históricos e etnológicos de seu povo, o que só torna sua voz hoje ainda mais necessária. É evidente que a atitude da ciência e dos cientistas junto às mulheres Tikunas quase não se alterou até o final do século XX, entretanto, é fato também que os papéis sociais de homens e mulheres em algumas sociedades indígenas e, particularmente entre os Tikuna pouco se modificou: a elas, em muitos casos, ainda não é atribuído o papel de falar, principalmente, com os de fora quando o assunto é sua história, cultura, seus costumes.

Mas, mesmo sendo excluídas ou tendo que ocupar seus espaços sociais específicos, por vezes, invisíveis e inatingíveis para os homens, especialmente para os não Tikuna, essas mulheres sempre participaram ativamente da vida de sua gente. Entre os anos de 1980 e de 1990, período de luta pela demarcação das terras Tikunas, elas lutaram no espaço privado, cuidando de suas famílias e aldeia, enquanto os homens atuavam nos espaços públicos das assembleias, encontros e viagens.

Naquele tempo pouco se falava de movimento de mulheres indígenas na Amazônia e, no mundo Tikuna isso era mesmo inexistente. Se listarmos todas as diretorias do CGTT (Conselho Geral da Tribo Tikuna) ou da OGPTB (Organização Geral dos Professores Tikuna Bilíngües), provavelmente não aparecerá nenhuma delas, mas sem elas os Tikuna não teriam alcançado sua maior conquista: a demarcação de suas terras. Embora ausentes do palco público e formal das discussões, elas conversavam entre si em seus espaços próprios, e até



influenciavam as decisões dos homens, não estavam na frente do Movimento, mas nunca estiveram ausentes dele.

A prova disso veio depois. Com a intensificação do contato dos Tikuna com o mundo dos brancos, bem como com as conquistas, transformações e avanços do Movimento Indígena na região a partir da década de 1990, novos desafios se colocaram para os Tikuna e conseqüentemente para as mulheres. Com as terras demarcadas, como torná-las, na prática, um meio para a sustentabilidade de seu povo? Com suas aldeias cada vez mais próximas das cidades e com cada vez menos recursos naturais, como continuar contribuindo com a sobrevivência de suas famílias e com a crescente exigência de escolarização de seus filhos? Essas são algumas das questões que certamente passaram a fazer parte das preocupações das mulheres Tikuna. Uma das respostas encontradas foi a organização do Movimento de Mulheres Indígenas Tikuna.⁷ Dentro dele cresceu uma atividade produtiva muito importante: a confecção e venda de artesanatos. Essa atividade feita predominantemente por mulheres passou não só a contribuir com a renda familiar, mas, também, a ajudar na mobilização política e culturalmente das mulheres e a reforçar a luta étnica dos Tikuna. Por fim, contribui para a consolidação do discurso em prol da demarcação e garantia de suas terras. Mais um trabalho silencioso e discreto exercido pelas mulheres, mas fundamental como ferramenta para a luta mais ampla dos Tikuna no Alto Solimões.

Notas

¹ Grafamos a palavra Tikuna com “K” como recomenda o II Congresso Indigenista Americano, realizado em La Paz, em 1954, mas mantivemos a grafia com “C” quando ela assim aparece nas fontes utilizadas.

² *Nação* é a palavra em português usada pelos Tikuna para traduzir *ki'a* que na tradição antropológica é clã. Para os Tikuna os clãs são divididos em duas metades, uma de pena (aves) e outra que não tem pena.

³ *Taé* ou *Tootana* é uma *üüne*, ou seja, uma das criaturas imortais dos Tikuna. Ela é mãe de *Ngutapa*, por isso, é considerada como a mãe de toda a criação. Juntamente com *Ngutapa*, *Mapana* e *Baiá*, constituem as criaturas mais antigas do mundo Tikuna. (Cf. Oliveira Filho, 1988, p. 1421 e 142).



⁴ As informações sobre este mito Tikuna aqui apresentadas foram baseadas na versão recolhida por Oliveira Filho, (1988, pp. 90-105). Por tratar-se de uma tradição oral, há versões entre os Tikuna que apresentam modificações no enredo e, às vezes, na posição dos personagens. Para uma comparação dos relatos etnográficos dos mitos com as narrativas mais contemporâneas dos Tikuna ver a excelente contribuição de Priscila Faulhaber (2000, pp. 105-117).

⁵ Uma importante coletânea de fontes documentais e jornalísticas sobre esse massacre, ocorrido no Igarapé Capacete, município de Benjamin Constant, foi publicada em 1988 pelo Centro de Documentação e Pesquisa do Alto Solimões - Magüta, com título: *Rü Äü I Ticunagü Arü Wu'i: a lágrima Ticuna é uma só*.

⁶ Referência aos israelitas, denominação dada na região a um grupo de imigrantes peruanos de confissão religiosa evangélica que habita a fronteira do Brasil/Colômbia/Peru há várias décadas.

⁷ Simonian (2009) destaca só para o lado brasileiro do território Tikuna, precisamente no Alto Solimões, as seguintes associações: a AMIT (Associação de Mulheres Indígenas Ticuna); a AMATÜ (Associação de Mulheres Ticuna Artesãs de Bom Caminho); a AGMITAS (Associação Geral das Mulheres Indígenas Ticuna do Alto Solimões); e a OGMICTA (Organização Geral das Mulheres Indígenas Cristãs Ticunas da Amazônia).

Referências

Amazonas em Cadernos – *Os Ticunas Hoje*. Francisco Jorge (org.), nº. 5, jan./dez. 1999, UFAM/Museu Amazônico, 2000.

AVÉ-LALLEMANT, Robert. *No Rio Amazonas-1859*. Tradução: Eduardo de Lima Castra. Belo Horizonte: Itatiaia. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

BATES, Henry Walter. *Um naturalista no rio Amazonas*. Tradução: Regina Junqueira. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1979 (Reconquista do Brasil, v. 53).

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Os Índios e o Mundo dos Brancos*. 4ª ed. Campinas: SP: Editora da Unicamp, 1996. (Coleção Repertórios).

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Os Diários e suas Margens: viagens aos territórios Terena e Tüküna*. Brasília: Editora da UnB, 2002, pp. 265-338.

FAULHABER, Priscila. “*A Festa de To’oena: relatos, performance e etnografia ticuna*”. In: **Amazonas em Cadernos – Os Ticunas Hoje**. Francisco Jorge (Org.), nº. 5, jan./dez. 1999, UFAM/Museu Amazônico, 2000, pp. 105-117.

FAULHABER, Priscila (Coord.). *Magüta Ariü Incü: jogos de memória – pensamento Magüta*. CD-ROM. MCT/Emílio Goeldi, 2003.

MARCOY, Paul. *Viagem pelo Rio Amazonas*. Tradução, introdução e notas de Antônio Porro. 1ª ed. em português. Manaus: Governo do Estado do Amazonas, Secretaria de Estado, Turismo e Desporto; Editora da Universidade do Amazonas, 2001.

MAW, Henrique Lister. *Narrativa de passagem do Pacífico ao Atlântico através dos Andes nas Províncias no Norte do Peru, e descendo pelo Rio Amazonas até o Pará*. Manaus: Associação Comercial do Amazonas/ Fundo Editorial, 1989.



NIMUENDAJU, Curt. *Besuch bei den Tukuna-Indianern*. Stuttgart: Ethnologischer Anzeiger, II, Heft 4, 1930, pp. 188-194.

NIMUENDAJU, Curt. *The Tukuna*. Robert H. Lowie (Org). Tradução de William D. Hohenthal. Berkeley, Los Angeles: University of California, Publications in American Archeology and Ethnology, 1952.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco. *‘O Nosso Governo’: os Tikuna e o regime tutelar*. São Paulo: Marco Zero; Brasília: MCT/CNPq, 1988.

PERROT, Michelle. Escrever a História das Mulheres. In: PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. Tradução de Ângela M. C. Corrêa. São Paulo: Editora Contexto, 2007, pp. 13-39.

SAMPAIO, Francisco Xavier Ribeiro de. *Diário da Viagem (1774-1775)*. Lisboa: Typografia da Academia, 1825.

SIMONIAN, Ligia T. L.. “Mulheres Enquanto Políticas: desafios, possibilidades e experiências entre as indígenas”. In: **PAPERS do NAEA**, nº 254, Belém: NAEA, 2009, pp. 2-34.

SPIX; MARTIUS. *Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. Tradução: Lúcia Furquim Lahmeyer. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1981.

